



## CURSO DE ENSINO BÁSICO EM LIBRAS BASIC EDUCATION COURSE IN LIBRAS

Mariana Laura Dias Silva; Denise Ramos Pacheco; Hugo Henrique Victorino Victório; Maria Eduarda Pereira; Maria Vitória Gilvan da Silva Monyk Dias Carneiro; Vinícius Souza Mendes; Wytter Rodrigues Velasco Gomes; Yasmin Barros Ferreira Braga  
Universidade Federal de Uberlândia

Artigo

### Resumo:

Desde a antiguidade é observada a exclusão dos surdos de diversas formas, entretanto, na história, alguns nomes foram responsáveis em começar uma educação que abrangesse essa população. Algumas leis transformaram essa realidade preconizando que o ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) fosse instaurado em cursos de licenciatura e educação a distância. Desse modo, devido aos vários obstáculos encontrados pela comunidade surda, objetivou-se neste curso o cunho educativo a fim de levar tópicos acerca desse assunto para a comunidade acadêmica. Através de aulas assíncronas e o momento síncrono com o relato de experiência foram abordados temas como a cultura surda, a Libras, graduações e tipos de surdez, bem como a importância da língua. Conclui-se que após esses momentos houve maior conscientização da comunidade acadêmica, adquiriu-se mais empatia em relação a esses indivíduos, além do aprendizado de alguns sinais da linguagem que são tão importantes pro relacionamento interpessoal com essas pessoas.

**Palavras-chave:** Surdos; Linguagem; Conscientização.

### Abstract:

Since antiquity, the exclusion of the deaf has been observed in several ways, however, some names were responsible for starting an education that covered this population. Some laws became this and would promote the teaching of Brazilian Sign Language (Libras) established in undergraduate and distance courses. This way, due to the various obstacles encountered by the academic community, the educational objective was aimed in this course in order to bring information on this subject to the academic community. Through asynchronous classes and the synchronous moment with the report of knowledge were informed, as well as the deaf culture of the language, graduations and types of deafness. It is concluded that after these relationships were important for the community, more relationships were acquired in relation to these and important moments, in addition to learning the relationship with these important moments, which are so important for the interpersonal relationship with these people.

**Keywords:** Deaf; Language; Awareness.

ISSN: 0000-000



## 1. Introdução

**P**or diversos séculos os surdos foram excluídos e perseguidos na sociedade. Na Roma e Grécia antiga, eles eram abandonados, escravizados e até mesmo condenados à morte. Já na Idade Média havia leis que os proibiam de receber heranças, votar, casar e até mesmo de receber comunhão, uma vez que eram considerados como pessoas inaptas de confessar seus pecados (STROBEL, 2009).

Na Espanha, no século XVI o pioneiro na educação de indivíduos surdos foi o monge Pedro Ponce de Leon (1510-1584), responsável por fundar a primeira escola para surdos, na qual ele ensinava para dois alunos surdos diversos conteúdos como latim, astronomia, grego, física e italiano (STROBEL, 2009).

O surgimento da Língua de Sinais no Brasil (LIBRAS) teve grande influência da Língua de Sinais Francesa durante seu processo de construção. O prenunciador do ensino da linguagem de sinais, no Brasil, foi o professor francês Eduard Huet (1822-1882), responsável por fundar a primeira escola para surdos no país seguindo o modelo educacional para surdos adotado na Europa (OVIDO, 2007). A fundação deste centro educacional foi de suma importância para a comunidade surda no território brasileiro, tendo em vista que até meados do século XV eles eram considerados inaptos a aprenderem.

Em 22 de dezembro de 2005, o decreto nº. 5.626 instaurou que o ensino de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) passa a ser obrigatório, tanto nos cursos de licenciatura, como também na Educação a Distância (EaD) (LOPES, 2017). No dia 26 de setembro de 1857, foi fundada no Rio de Janeiro a primeira escola para surdos no Brasil, intitulada Instituto de Educação dos Surdos (INES) nesse mesmo dia comemora-se o Dia Nacional dos Surdos no Brasil, essa data foi oficializada pelo decreto de lei nº 11.796 em 29 de outubro de 2008. Esse dia

comemorativo tem como objetivo ressaltar os direitos das pessoas surdas na sociedade brasileira (ALMEIDA, 2012).

Diferente da linguagem oral, que é baseada na modalidade oral-auditiva, a característica da LIBRAS é a modalidade visuo-espacial. Os surdos utilizam da expressão facial/corporal, alguns termos são utilizados como: configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA) e movimento (M), que compõem os aspectos estruturais da LIBRAS. A Configuração de Mão (CM) baseia-se na forma da mão ao se realizar um sinal, assumindo características específicas e variadas do alfabeto manual (ALMEIDA, 2012).

O Ponto de Articulação (PA) é o lugar onde a configuração de mão se realiza, podendo esta tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço, ou seja, do meio do corpo até a cabeça. A língua de sinais pode ter algum movimento (M) ou não, e este é definido como um parâmetro complexo, podendo envolver diversas formas e direções, sejam eles movimentos internos da mão, do pulso e os movimentos direcionais no espaço (ALMEIDA, 2012).

Isto posto, nota-se a complexidade e desafios que o ensino de LIBRAS na educação pode compreender. Dessa forma, é de suma importância que o sistema educacional brasileiro assimile o quanto necessária deve ser a educação especial a fim de garantir acesso à educação de forma igualitária a todos os públicos.

## 2. Metodologia

Este projeto de ensino e ações afirmativas iniciou-se em março de 2021, e terminou em junho do mesmo ano. Possui caráter educativo, cultural e social, e em seu registro no SIAE UFU (Sistema de Informação de Assuntos Estudantis da Universidade Federal de Uberlândia) sua área temática principal foi o apoio pedagógico, com linha programática principal em ações específicas para alunos com deficiência e necessidades especiais.

O curso foi planejado inicialmente para ser feito totalmente síncrono, com aulas online pela plataforma Google meet ministradas por um professor de LIBRAS da UFU às 19:00 horas de todas as terças-feiras. No entanto, ocorreram alguns imprevistos com o docente e a forma de realização precisou sofrer diversas modificações.

No novo formato, o curso foi dividido em aulas assíncronas e dois encontros síncronos. As aulas foram disponibilizadas no YouTube, no canal "Academia de Libras" e também pela plataforma de ensino da USP (Universidade de São Paulo) com o curso FLL1024 - Língua Brasileira de Sinais (2015.1). Ao todo, foram 34 vídeos, totalizando em média 40 minutos por vídeo. As semanas de cada mês foram organizadas de modo a cumprir com objetivos de aprendizado sobre cada assunto proposto.

As aulas assíncronas abordaram os assuntos sobre cultura surda, surdez e surdo, Língua de Sinais e Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS), tipos e graus de surdez, surdez vista como uma diferença, as características que redefinem a surdez e o processo de empoderamento das comunidades surdas. Abordaram também sobre a importância da aquisição de uma língua para o desenvolvimento da linguagem e habilidades cognitivas. Também foi mostrada a importância da estimulação precoce em língua de sinais para crianças surdas. Apresentaram a classificação das perdas auditivas: normal, leve, moderada, moderadamente severa e severa.

### **3. Conceito de surdez**

Os eventos síncronos ocorreram em dois encontros, em que no primeiro convidamos a aluna Vitória Caroline Abdalla de Mendonça Siqueira do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Uberlândia para contar sobre a sua experiência e conceitos sobre a surdez e as vivências em sociedade, sendo aberto e divulgado para a comunidade externa a todos que desejaram. O segundo foi realizado em uma reunião programada do PET Medicina Veterinária, que contou com uma atividade em que os petianos colocaram os conceitos aprendidos em prática por meio de uma dinâmica que traziam um novo sinal e todos deveriam adivinhar qual o seu significado. Ser surdo é o reconhecimento de si próprio através de uma identidade compartilhada por aqueles que utilizam a língua de sinais e não se percebem como sendo marcados por uma perda, mas sim “membros de minoria linguística e cultural com diferentes normas, atitudes, valores e constituição física distinta” (LANE, 2008). A pessoa com esta condição apresenta consequências quanto ao convívio social, visto que há interferência direta no desenvolvimento da linguagem, fala, comunicação interpessoal e aprendizagem (CRUZ et al., 2009).

### **4. Tipos de surdez**

Considerando a importância da audição para a aquisição da linguagem em seres humanos, é imprescindível que se conheça os possíveis tipos de surdez e que profissionais da saúde saibam reconhecer os pacientes de risco (RUSSO, 1994). Diagnóstico e tratamento precoce, bem como a prevenção da perda auditiva, são fatores que previnem danos na comunicação da pessoa com deficiência auditiva (LEWIS e COSTA FILHO, 2003).

Existem atualmente oito tipos de surdez: relacionado a idade, perda auditiva induzida por ruídos (PAIR), causada por infecções, relacionada a distúrbios da tireoide, relacionada a

medicamentos, perfuração timpânica, congênita e transitória (CRISTIANO, 2018; MCCORMICK, 2019).

A perda auditiva que acontece devido a senilidade tem muitas vezes origem desconhecida, acredita-se que são alterações no ouvido interno, que é a porção responsável pela conversão de ondas sonoras em impulsos nervoso, ou pelas próprias vias nervosas por onde esses impulsos propagariam até o sistema nervoso central. Esse tipo de surdez também pode estar relacionado com alterações no tímpano ou nos pequenos ossos do ouvido médio. É um processo lento e gradual, que pode começar com o indivíduo ainda adulto e se agravar em idades mais avançadas, acontece devido a fatores genéticos, ambientais e estilo de vida (CRISTIANO, 2018).

A exposição a ruídos, administração de fármacos e/ou infecções podem causar surdez permanente ou temporária em indivíduos de qualquer idade, depende do tempo e intensidade de exposição, e no caso das infecções dependem do agente infeccioso e do tratamento e prognóstico da infecção. Quando se trata da PAIR, a causa pode ser uma exposição crônica, por exemplo pessoas que trabalham em fábricas com muitos barulhos, ou uma única exposição muito grave, por exemplo uma explosão, o prognóstico depende da intensidade e do tempo de exposição. Geralmente os ruídos são danosos a partir de 85 decibéis, sendo capazes de alterar estruturas anatômicas mais sensíveis do ouvido externo (CRISTIANO, 2018).

O uso irracional de medicamentos ou a automedicação são fatores de risco para o desenvolvimento da surdez, visto que muitos fármacos são ototóxicos e podem causar perda auditiva neurosensorial devido a degeneração de células ciliadas do órgão de Corti e neurônios auditivos primários ou do gânglio espiral (TAN e SHEPHERD, 2006). A perda auditiva dificilmente está listada nas bulas dos medicamentos, contribuindo para a falta de informação dos usuários, são medicamentos com potencial efeito ototoxico: aspirinas, alguns anti-inflamatórios não-esteróides (ibuprofeno, naproxeno, etc.), antibióticos da classe os aminoglicosídeos e quimioterápicos (CRISTIANO, 2018).

Infecções sistêmicas, causadas por agentes como paramixovírus, adenovírus, herpesvírus e entre outros, podem afetar o nervo auditivo e ocasionar surdez neurosensorial (ROWSON et al. 1975; WILSON, 1983). Além disso, também existe a perda auditiva condutiva, relacionada com infecções de ouvido que comprometeram a orelha externa a média, que geram fluídos que obstruem o movimento do tímpano e, conseqüentemente, a propagação do som (CRISTIANO, 2018).

A ruptura timpânica também é uma potente causa de perda auditiva e de infecções, trata-se de orifício ou rasgo no tecido fino que divide o canal auditivo do ouvido médio (tímpano). Pode ser corrigido cirurgicamente ou com regressão espontânea após alguns dias, existem outros

sinais de ruptura timpânica além da perda auditiva: zumbido, vertigem, náuseas e outros (CRISTIANO, 2018).

Pessoas com alterações dos hormônios tireoidianos também podem desenvolver deficiência auditiva. Pacientes com síndrome de Pendred podem apresentar surdez devido malformação coclear e pacientes com hipotireoidismo pode desenvolver deficiência auditiva devido o comprometimento da microcirculação de estruturas da orelha interna; redução de produção de lipídeos, mielina e enzimas do sistema nervosos central e redução da neurotransmissão mediada pelo hormônio T4 (DIREITO DE OUVIR, 2016).

Além das causas de surdez adquiridas já mencionadas, existe a surdez congênita que é causada por alterações genéticas. Essa é uma causa pouco comum de surdez, acontece uma entre cada 1.000 a 2.000 nascimentos (CRISTIANO, 2018).

## 5. Classificação das perdas auditivas

A classificação do nível de perdas auditivas é feita a partir da audiometria tonal, que consiste em um exame para avaliar a capacidade do paciente em escutar determinados estímulos sonoros, sendo subjetivo uma vez que depende da resposta individual de cada paciente. Devem ser analisados quatro aspectos durante o exame: tipo da perda auditiva, grau da perda auditiva, configuração audiométrica e lateralidade (CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA, 2013).

O tipo de perda auditiva caracteriza a localização da alteração do aparelho auditivo, comparando os limiaries entre a via aérea e a via óssea de cada orelha. É dividido, de acordo com Silman e Silverman (1997), em Perda auditiva condutiva (Limiares inferiores a 15 dBNA ou decibéis na via óssea e superiores a 25 dBNA na via aérea, com gap aéreo-ósseo maior ou igual a 15 dB), Perda auditiva neurosensorial (Limiares superiores a 15 dBNA na via óssea e limiaries superiores a 25 dBNA na via aérea, com gap aéreo ósseo de até 10 dB), Perda auditiva mista (Limiares superiores a 15 dBNA na via óssea e limiaries superiores a 25 dBNA na via aérea, com gap aéreo ósseo maior ou igual a 15 dB) (CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA, 2013).

A avaliação do grau de perda auditiva consiste na classificação da habilidade de ouvir e falar. É dividido, de acordo com a classificação recomendada pela BIAP (1996) – International Bureau for Audiophonology, em audição normal (Média inferior ou igual a 20 dBNA sem dificuldades de fala ou audição), Perda auditiva leve (Média entre 21 e 40 dBNA com dificuldades para escutar voz baixa ou distante), Perda auditiva moderada (1º grau: média entre 41 e 55 dB e 2º grau: média entre 56 e 70 dB. Somente escutam falas com voz alta e vendo quem está falando,

consegue escutar alguns ruídos do dia-a-dia), Perda auditiva severa (1º grau: média entre 71 e 80 dB e 2º grau: média entre 81 e 90 dB. Somente escutam falas com voz alta e vendo quem está falando, consegue escutar apenas ruídos altos do dia-a-dia), Perda auditiva profunda (1º grau: média entre 91 e 100 dB, 2º grau: média entre 101 e 110 dB e 3º grau: média entre 111 e 119 dB. Não é possível escutar falas e apenas ruídos altos são escutados), Perda auditiva total (Média acima de 120 dB. Não é possível escutar nenhum som) (GOMES, 2022).

Já a configuração audiométrica classifica limiares de via aérea para cada orelha, sendo eles, de acordo com Silman e Silverman (1997) – adaptada de Carhart (1945) e Lloyd e Kaplan (1978): Configuração ascendente (Melhora igual ou superior a 5 dB por oitava em sentido a frequências altas), Configuração horizontal (Limiares alternando melhora ou piora de 5 dB por oitava, independente da frequência), Configuração descendente leve (Piora entre 5 a 10 dB por oitava em sentido às altas frequências), Configuração descendente acentuada (Piora entre 15 a 20 dB por oitava em sentido às altas frequências), Configuração desce em rampa (Curva horizontal ou descendente leve com piora superior ou igual a 25 dB por oitava em sentido às altas frequências), Configuração em U (As frequências extremas apresentam melhores limiares do que as frequências médias com diferença superior ou igual a 20 dB), Configuração em U invertido (As frequências extremas apresentam limiares piores do que as frequências médias com diferença superior ou igual a 20 dB), Configuração em entalhe (Curva horizontal com descendência acentuada em uma frequência isolada, suprido pela frequência seguinte) (CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA, 2013).

E por fim, a classificação quanto à lateralidade: unilateral (apenas uma orelha apresenta deficiência auditiva) e bilateral (deficiência auditiva em ambas as orelhas) (CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA, 2013).

## 6. A cultura surda

A surdez impacta não somente no déficit sensorial, mas na comunicação do indivíduo com a sociedade. Os surdos utilizam muito o visual-gestual para se comunicarem, em contradição com os ouvintes que dependem da audição para isso. Dessa forma, o aprendizado da língua de sinais impacta no desenvolvimento da identidade do surdo e também nas suas crenças e conhecimentos (CROMACK, 2004).

O sujeito surdo tem diferentes distinções, que variam na língua de sinais usada, identidade, poesia e escrita, entre outras. O intérprete de línguas tem papel complexo, com diversas atuações dentro da história, cultura e língua, movimentos e subjetividade surda. A

diferença cultural interfere muito mais na qualidade da interpretação dos sinais do que a intimidade pode fazer. Elas estão envoltas pelas narrativas e trama de poder (PERLIN, 2006).

Entre alguns aspectos da identidade cultural dos surdos, podemos citar a identidade, que é a consciência de si próprio e tem a necessidade do outro surdo, sendo multifacetada. Outro é a diferença, que traz luz sobre a necessidade da inclusão dos surdos nas escolas, e em outros locais; e também a língua de sinais, extremamente rica, possuindo muitas produções (DORON; PAROT, 2001; PERLIN, 2006).

São de grande relevância as políticas afirmativas, pois ajudam no processo de constituição da sociedade pelo qual os surdos passam, evitando a sua discriminação e marginalização em uma sociedade que exclui as diferenças (CROMACK, 2004).

## 7. Língua de sinais e LIBRAS

Em abril de 2002 (Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002) ocorreu a oficialização da Língua Brasileira de Sinais (DIZEU, 2005). A LIBRAS é a melhor opção educacional e considerada como a primeira língua do surdo (BROCHADO, 2003). Ela apresenta todas as características de uma língua de sinais, como morfologia, fonologia, sintaxe e semântica próprias, usando do espaço e corpo do sinalizador (FERREIRA, 1997). No entanto, existem diversas discussões que envolvem os profissionais que trabalham com surdos e os surdos oralizados. Apesar da importância da LIBRAS ser reconhecida, para alguns ela se trata somente de gestos simbólicos, desconsiderando o seu papel na comunicação (DIZEU, 2005).

A língua de sinais é desprezada na sociedade, que impõe a língua oral a todos, independentemente de suas possibilidades (DIZEU, 2005). Como resultado da imposição de uma maioria linguística sobre uma minoria linguística, o surdo tem menor participação no processo de integração social (DIZEU, 2005). Existem muitas tecnologias atuais que possibilitam um diagnóstico e tratamento precoce da surdez, como próteses auditivas digitais cada vez mais modernas, implantes cocleares multicanais e softwares. Elas não são acessíveis a toda a população, que tem limites socioeconômicos (DIZEU, 2005).

A sociedade está interessada em fornecer ao surdo atendimentos que prezam pela oralidade, com preocupações sobre o uso da prótese auditiva, treino da fala, entre outros, e assim a minoria dos surdos consegue aprender o proposto. A linguagem própria dos surdos permite muito mais que a criança tenha trocas comunicativas. É necessário colocar a criança o mais cedo possível perto de pessoas surdas ou não, que são fluentes em LIBRAS, para permitir a criação de sua identidade e de significar o mundo (DIZEU, 2005).



Alguns sinais na LIBRAS envolvem apenas expressões faciais, ou então elas são usadas em frases, usando muita expressão corporal (FELIPE; 1988). Existem outras possibilidades do aprendizado da língua que não pela compreensão oral, como a escrita, que é vista como uma forma de aquisição de regras gramaticais (BROCHADO, 2003). Dentro das línguas de sinais, existem os classificadores, que são formadores de sinais e parte do núcleo lexical, com regras e características de formação (BERNARDINO, 2012). Eles são usados em verbos de movimento e localização, com articulação das mãos e corpo indicando o agente da ação ou o nome do referente (SUPALLA, 1986). Por meio da LIBRAS, é possível a transmissão de ideias de forma expressiva e comunicativa, usando sinais manuais e não manuais.

A educação do surdo é facilitada quando se utiliza LIBRAS, e daí se tem a ideia de que essa linguagem deveria ser a materna dos surdos. O ensino do português é satisfatório ao praticar LIBRAS, e ela garante o seu direito a uma língua (UZAN; OLIVEIRA; LEON, 2008).

## 8. O sistema educacional na surdez

A educação bilíngue objetiva o desenvolvimento cognitivo-linguístico da criança surda, equivalente ao observado na criança ouvinte, com acesso à língua de sinais e a língua majoritária, permitindo uma relação harmoniosa com os ouvintes (LACERDA, 1998).

No Brasil, a língua de sinais brasileira (LIBRAS) auxilia na aquisição da linguagem por crianças surdas, através de língua visual-espacial. As escolas precisam possuir estrutura e programas que garantam o acesso à língua de sinais brasileira, de forma a facilitar a interação social e cultural com pessoas surdas (QUADROS, 2003).

Observa-se que crianças surdas se encontram de certa forma defasadas no sentido da escolarização, sem o desenvolvimento adequado e com conhecimento inferior ao esperado para a sua idade, sendo necessária a elaboração de propostas educacionais que garantam as necessidades dos surdos e favoreçam o desenvolvimento efetivo de suas capacidades (LACERDA, 2006).

Os anos 1990 foram considerados o marco da insurgência de movimentos surdos no Brasil. Nesta época iniciou-se o processo de estruturação da educação bilíngue para surdos no Brasil, com debates acerca da língua de sinais e bilinguismo, reflexos dos modelos clínicos-terapêuticos e socioantropológicos na educação de surdos, além de teorias sobre a cultura e identidades surdas e seu impacto na educação dos surdos no país (FERNANDES; MOREIRA, 2014).

No Brasil, a partir da chamada Declaração de Salamanca (1994), o movimento da educação inclusiva defende o compromisso que a escola deve assumir a educação para cada

estudante, visando a pedagogia da diversidade, pois todos os alunos, independentemente de sua origem social, étnica ou linguística, deverão estar dentro da escola regularmente.

A educação bilíngue para surdos envolve criar ambientes linguísticos de forma a adquirir LIBRAS como primeira língua (L1) por crianças surdas, dentro do tempo esperado de desenvolvimento linguístico e semelhante ao das crianças ouvintes, e aquisição do português como segunda língua (L2). O objetivo é construir uma identidade linguística e cultura em LIBRAS, permitindo à criança surda concluir a educação básica igualmente a crianças ouvintes e falantes do português (BRASIL, 2014).

Existem, entretanto, barreiras comunicativas no momento da escolarização formal dos surdos, visto que a maioria dos professores, a quem se deposita a responsabilidade pela inclusão de seus alunos, não falam LIBRAS. Aliado a isso, os intérpretes que atuam como mediadores de comunicação e apoio pedagógico em escolas possuem formação ainda deficitária, utilizam a Língua de Sinais de forma bimodal, ou seja, uma forma de comunicação utilizada por ouvintes que falam e sinalizam simultaneamente, na comunicação com surdos, ficando a sinalização subordinada à gramática da língua portuguesa (FERNANDES; MOREIRA, 2014).

Segundo Fernandes e Moreira (2014), a língua de sinais acaba operando, de forma paradoxal, como fator de inclusão e de exclusão dos surdos, incluindo o coletivo surdo baseado na experiência cultural comum e no próprio território da normalidade. Por outro lado, a diferença linguística como principal traço de identificação pode expor a comunidade surda a situação de exclusão pelo fato da língua de sinais, embora oficializada, possuir baixa incidência de usos e funções sociais em espaços formais.

Botelho (1998) e Lacerda (2000) pontuaram que o aluno surdo, frequentemente, não compartilha uma língua com seus colegas e professores, estando desta forma em desigualdade linguística na sala de aula, não sendo garantido o acesso aos conhecimentos trabalhados, aspectos estes, em geral, não problematizados pelas práticas inclusivas.

As leis 10.436, 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a língua de sinais brasileira, e mais recentemente o Decreto 5626/05, que regulamenta as leis 10.098/94 e 10.436/02 e orienta ações para o atendimento à pessoa surda não foram suficientes para proporcionar que o aluno surdo que frequenta uma escola de ouvintes seja acompanhado por um intérprete de língua de sinais. Ainda assim, a presença de um intérprete não garante uma inclusão satisfatória, sendo outras providências necessárias para que o atendimento ao aluno surdo seja eficiente, como a adequação curricular, os aspectos didáticos e metodológicos, o conhecimento sobre a surdez e a língua de sinais, entre outros. É frequente a desinformação de professores e o desconhecimento sobre

surdez e modos adequados de atendimento ao aluno surdo, sendo a maior parte das inclusões escolares de surdos pouco responsável (LACERDA, 2006).

Segundo Lacerda (2006), a presença de um intérprete de língua de sinais no ambiente escolar pode minimizar alguns aspectos do problema da inclusão dos surdos, de forma a favorecer um melhor aprendizado de conteúdos acadêmicos pelo aluno. Entretanto, o problema não será resolvido caso o aluno continue inserido em um ambiente pensado e estruturado integralmente para alunos ouvintes. São necessárias diversas adaptações para que o ambiente escolar se torne ao menos adequado às necessidades dos alunos surdos.

## 9. Resultados e discussão

O resultado do projeto baseado em sua condução foi significativo, porém comparado ao planejamento inicial no qual contava com a participação de um docente de LIBRAS da UFU, foi concluído que os petianos envolvidos poderiam ter tido melhor aproveitamento, comparado à proposta inicial. Em contrapartida, os discentes ainda assim conseguiram atingir os objetivos propostos, principalmente em questão sobre o aprendizado da cultura surda.

Nas aulas síncronas propostas, foram abordados assuntos que explicaram o início da história da comunidade surda até os dias atuais, através de vídeos que se encontram na plataforma de ensino da USP (Universidade de São Paulo) no curso FLL1024 - Língua Brasileira de Sinais (2015.1), contribuindo com o aprendizado social. Ademais, com o segundo conteúdo proposto a fim de ensinar palavras do cotidiano, através de vídeos que se encontram no YouTube, no canal "Academia de Libras", gerou-se resultados esperados de aprendizados básicos, como a apresentação pessoal em sinais, que foi observado através de vídeos compartilhados entre os envolvidos no aplicativo WhatsApp.

Em relação aos momentos síncronos realizados, foi observado conhecimentos diferentes daqueles mencionados nos momentos assíncronos. No primeiro momento síncrono, diante ao relato de experiência de uma aluna convidada da comunidade surda, os participantes conseguiram elucidar dúvidas sobre a rotina, as principais dificuldades do cotidiano, o aprendizado em LIBRAS, entre outros assuntos. Já no segundo momento síncrono, durante a atividade integrativa entre os petianos, foi possível aprender novos sinais de uma forma descontraída, além de obter aprendizados de relacionamento interpessoal.

Em resultado do primeiro momento síncrono, o qual foi aberto ao público externo, houve uma onda de conscientização da importância da inclusão social dos surdos, contribuindo com debates de grande importância. O assunto foi pioneiro nos momentos atuais do curso de medicina veterinária, e chamou atenção dos alunos para a sua notória importância.

Destaca-se a necessidade de novos projetos que trazem essa temática novamente como assunto principal. Diante do presente projeto, sugere-se que para uma melhor experiência o ideal seja que tenha a participação de um docente com conhecimentos vasto sobre a temática, além da inclusão de pessoas externas ao PET Medicina Veterinária durante todo o projeto, a fim de conscientizar mais pessoas e desmitificar conceitos errados.

## 10. Conclusão

Diante do exposto, surdos têm como principal forma de comunicação a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), sendo assim, é imprescindível a necessidade em implementar este estudo a pessoas ouvintes com o intuito de ampliar a comunicação com a comunidade não ouvinte. Neste sentido, a realização do curso de ensino básico em LIBRAS elucidou a importância em adicionar este conteúdo aos discentes, tanto para os membros do PET Medicina Veterinária quanto para os demais, devido a carga de conhecimentos básicos adquiridos e ainda necessários para uma maior compreensão da cultura e, principalmente, da linguagem utilizada, além de não ser uma temática amplamente discutida pelo curso de Medicina Veterinária.

A realização de atividades síncronas com o público externo ao PET, foi de notório interesse em conhecer mais sobre o cotidiano, desafios e meios de comunicação a respeito da comunidade surda, fazendo com que se amplie a curiosidade de todos em obter mais momentos com esta temática, além de incluí-los em mais atividades realizadas ao longo da graduação. Ademais, a atividade, também realizada de forma assíncrona exclusiva para o grupo PET Medicina Veterinária, enfatizou a necessidade e a importância em realização de outros eventos sobre a LIBRAS.

Portanto, conclui-se que, atividades práticas e teóricas que englobam os surdos são carentes no curso de Medicina Veterinária, que preconiza a importância da sua realização tanto para a sua utilização na rotina acadêmica, quanto no exercício da profissão, onde há possibilidades de utilização nas diversas áreas da Medicina Veterinária e também em outros cursos de graduação.

## Referências

BERNARDINO, E. L. A. O uso de classificadores na língua de sinais brasileira. **ReVEL**, v. 10, n. 19, 2012.

BETH, M. All Ears: What is ear infection hearing loss? **Starkey**, 2017. Disponível em: <https://www.starkey.com/blog/2017/05/Ear-infection-caused-hearing-loss>. Acesso em: 26 de março de 2022.

BOTELHO, P. **Segredos e silêncios na interpretação dos surdos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

- BRASIL. Decreto Lei n. 339, de 22 de dezembro de 2005. Brasília, DF, 2005.
- BRASIL. Lei 1.305 de 25 de Julho de 2014. Plano Nacional de Educação e dá Outras Providências. Ministério da Casa Civil, 2014.
- BRASIL. Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e dá outras providências, 2002.
- BROCHADO, S. M. D. **A apropriação da escrita por crianças surdas usuárias da língua de sinais brasileira.** 2003.
- CARHART, R. An improved method for classifying audiograms. **The Laryngoscope**, v. 55, n. 11, p. 640-662, 1945.
- CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA, Manual de procedimentos em audiometria tonal liminar, logaudiometria e medidas de imitância acústica. **Brasília: CFFa**, 2013.
- CROMACK, E. M. P. C. Identidade, cultura surda e produção de subjetividades e educação: atravessamentos e implicações sociais. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 24, p. 68-77, 2004.
- DECLARAÇÃO de Salamanca e linhas de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília, 1DF: CORDE, 1994.
- DIREITO DE OUVIR. Hipotireoidismo pode causar zumbido. **Direito de ouvir**, 2016. Disponível em: <https://www.direitodeouvir.com.br/blog/hipotireoidismo-causa-zumbido-no-ouvido#:~:text=Os%20mecanismos%20fisiopatol%C3%B3gicos%20da%20perda,o%20metabolismo%20de%20%C3%B3rg%C3%A3os%20envolvidos..> Acesso em: 26 de março de 2022.
- DIZEU, L. C. T. B.; CAPORALI, S. A. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. **Educação & Sociedade**, v. 26, p. 583-597, 2005.
- DORON, R.; PAROT, F.. **Dicionário de Psicologia.** São Paulo: Ática, 2001.
- FELIPE, T. A. **O Signo Gestual-Visual e sua Estrutura Frasal na Língua dos Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1988.
- FERNANDES, S.; MOREIRA, L. C. Políticas de educação bilíngue para surdos: o contexto brasileiro. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 2, p. 51-69, 2014.
- GOMES, M. Quais são os graus de perda auditiva?. **Eauriz**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.eauriz.com.br/graus-de-perda-auditiva/>. Acesso em: 26 de março de 2022.
- LACERDA, C. B. F. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem os alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 26, n. 69, p. 163-184, maio/ago. 2006.
- LACERDA, C. B. F. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Cad. Cedes**, v. 19, n. 46, set. 1998.
- LACERDA, C.B.F. A inserção da criança surda em classe de crianças ouvintes: focalizando a organização do trabalho pedagógico. **REUNIÃO ANUAL DA ANPED**, 23, 2000, Caxambú. Anais... Caxambú: ANPED, 2000.
- LEWIS, D. R; FILHO, C. O. A. Surdez no recém-nascido. **Campos CAH, Costa HOO, organizadores. Tratado de otorrinolaringologia.** São Paulo: Roca, p. 367-78, 2003.
- LLOYD, L. L.; KAPLAN, H. **Audiometric interpretation: a manual of basic audiometry.** University Park Press, 1978.

- LOPES, G. K. F. O uso das tecnologias no processo de ensino e de aprendizagem do surdo: libras em educação à distância. **Revista virtual de cultura surda**. Ed. n° 20. 2017
- OVIEDO, A. Eduard Huet (1822-1882). Fundador de la educación pública para sordos en Brasil y México. **Cultura sorda**. Berlín, 2007.
- PERLIN, G. T. A cultura surda e os intérpretes de língua de sinais (ILS). **ETD: Educação Temática Digital**, v. 7, n. 2, p. 136-147, 2006.
- QUADROS, R. M. Situando as diferenças implicadas na educação de surdos: inclusão/exclusão. **Ponto de Vista**, Florianópolis, n. 5, p. 81-111, 2003.
- RECOMMENDATION, B. I. A. P. 02/1: Audiometric Classification of Hearing Impairments. **October 26th**, 1996.
- ROWSON, K. E. K.; HINCHCLIFFE, R.; GAMBLE, D. R. A virological and epidemiological study of patients with acute hearing loss. **The Lancet**, v. 305, n. 7905, p. 471-473, 1975.
- ROYAUX, I. E. et al. Pendrin, the protein encoded by the Pendred syndrome gene (PDS), is an apical porter of iodide in the thyroid and is regulated by thyroglobulin in FRTL-5 cells. **Endocrinology**, v. 141, n. 2, p. 839-845, 2000.
- RUSSO, I. C. P. et al. A audição e o desenvolvimento da linguagem. **Russo ICP, Santos TMM. Audiologia infantil**. São Paulo: Cortez, p. 15-27, 1994.
- SILMAN, S.; SILVERMAN, C. A. Basic audiologic testing. **Silman S, Silverman CA. Auditory diagnosis: principles and applications**. San Diego: Singular Publishing Group, p. 44-52, 1997.
- STROBEL, K. L.. **História da Educação dos surdos**. Florianópolis, Licenciatura em Letras-LIBRAS na modalidade a distância – UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.
- STROBEL, K. L. **Surdos: Vestígios culturais não registrados na história**. Florianópolis, Tese de Doutorado em Educação – UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.
- SUPALLA, T. The classifier system in American Sign Language. In: CRAIG, Colette. (Ed.) **Typological studies in language: noun classes and categorization**. 7, 181-214. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1986.
- TAN, J.; SHEPHERD, R. K. Aminoglycoside-induced degeneration of adult spiral ganglion neurons involves differential modulation of tyrosine kinase B and p75 neurotrophin receptor signaling. **The American journal of pathology**, v. 169, n. 2, p. 528-543, 2006.
- UZAN, A. J. S.; OLIVEIRA, M. R. T.; LEON, I. A importância da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como língua materna no contexto da escola do Ensino Fundamental. **XII INIC: XII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VIII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação—Universidade do Vale do Paraíba**, 2008.
- WILSON, W. R. et al. Viral and epidemiologic studies of idiopathic sudden hearing loss. **Otolaryngology—Head and Neck Surgery**, v. 91, n. 6, p. 653-658, 1983.

Recebido em 10/03/2022

Aprovado em 30/08/2022